



A horta comunitária como instrumento pedagógico para a segurança alimentar e nutricional

Renata Bravin de Assis Pinto¹, Larissa Aparecida da Silva Cabral², Livea Cristina Rodrigues Bilheiro³, Laisa Stefani da Silva Neves⁴ e Juliana Pereira Casemiro⁵.

¹Graduanda em Agronomia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: r.bravin@hotmail.com;

²Engenheira Agrônoma e Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: larissacabralufrj@gmail.com; ³Graduanda em Agronomia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: liveabilheiro@hotmail.com; ⁴Graduanda em Nutrição pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: laisastef@gmail.com; ⁵Nutricionista, Doutora em Educação em Ciências e Saúde e Professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: julianacasemiro@gmail.com.

Resumo: O presente artigo relata os processos pedagógicos de implantação da horta comunitária de Parada Angélica, no terceiro distrito de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro. O projeto é fruto da parceria entre o curso de nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o curso de agronomia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e os moradores da Comunidade. Tem por objetivo criar e capacitar um grupo de produção de hortaliças, visando geração alternativa de renda e promoção da segurança alimentar e nutricional. Como resultados obtidos, percebeu-se que a construção da horta comunitária se constitui num instrumento que, pelos aspectos agronômicos e nutricionais, podem contribuir com a valorização da agricultura urbana e da agroecologia, além de incentivar a organização local e promover o desenvolvimento de ecossistemas sustentáveis.

Palavras-chave: Agricultura urbana; organização comunitária; horta.

1. Introdução

Localizado na Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro, o município de Duque de Caxias possui população de 855.046 habitantes (IBGE, 2010). Com uma base territorial de 468 km², divide-se em quatro distritos e quarenta bairros. Apesar da extensa zona rural, que ocupa quase metade do seu território (ocupando parte do 3º distrito e o 4º distrito inteiro), o Censo Demográfico de 2010 revela que no município 99,6% da população é urbana e apenas 0,4% é rural (IBGE, 2010).



De acordo com a Lei nº 7.794, de agosto de 2012, que institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), algumas ações contribuem para o desenvolvimento territorial e a qualidade de vida da população por meio do uso sustentável dos recursos naturais e da oferta e consumo de alimentos saudáveis. Neste contexto, os espaços comunitários aparecem como um dos ambientes prioritários e são considerados estratégicos para a promoção da saúde. A construção da horta comunitária constitui-se, assim, em um instrumento que, pelos aspectos ecológicos e de biodiversidade apresenta-se como potencial da agricultura urbana no desenvolvimento das cidades.

Tendo em vista a promoção da saúde e a garantia da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), prevista na Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, conhecida como Lei Orgânica de SAN (LOSAN), algumas iniciativas intersetoriais tem se mostrado exitosas, entre elas, a construção de hortas e canteiros em áreas urbanas. As experiências de cultivo de hortas comunitárias propiciam o desenvolvimento sustentável, a partir do qual se vivencia processos de produção de alimentos, segurança alimentar, práticas de cultivos relacionados à biodiversidade local e de combate ao desperdício, à degradação e ao consumismo, além de se configurar como um espaço de organização comunitária.

O bairro de Parada Angélica está localizado em território urbano, porém com antecedentes de luta pela terra. Assim como em outras localidades da Baixada Fluminense, observa-se um histórico de resistências combinado com processos de rápida ocupação, desenraizamento cultural e perda do vínculo com as atividades agrícolas, o que faz com que a implantação da horta sirva também como forma de resgate da cultura local.

O trabalho desenvolvido no referido bairro é fruto de uma parceria entre o curso de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o curso de agronomia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e os moradores da comunidade. O projeto tem como objetivo criar e capacitar um grupo de produção de hortaliças na comunidade, visando geração de renda e segurança alimentar e nutricional, que articulam ao mesmo tempo as técnicas agrônomicas e os conceitos da nutrição de forma interdisciplinar.



2. Histórico do projeto

A iniciativa de implementação da horta comunitária de Parada Angélica surgiu como desdobramentos do projeto de acompanhamento nutricional do Internato de Nutrição em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (INSC/UERJ) que está sendo realizado em Duque de Caxias/RJ desde 2014 por meio de um Convênio (E- 26/00718770214) entre o Instituto de Nutrição da UERJ e o município, através do Departamento de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (DESANS), ligado à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias.

Como atividade integrante do INSC/UERJ, inicialmente foram contempladas atividades de planejamento, o desenvolvimento e a avaliação de ações no campo da Nutrição em Saúde Coletiva, voltadas ao cuidado e à promoção da saúde. Neste momento somente atuavam estudantes de Nutrição da UERJ, diversas atividades foram desenvolvidas na comunidade, dentre as quais destacamos o apoio ao atendimento ambulatorial no Programa de Saúde da Família (PSF), visitas domiciliares e o acompanhamento ao Grupo Parceiro do Peso¹.

Por meio das atividades citadas, as estagiárias do curso de Nutrição da UERJ puderam se aproximar das famílias e com isso identificaram que na comunidade de Parada Angélica—havia vivenciado uma experiência no passado de uma horta comunitária e, que naquele momento, o espaço encontrava-se abandonado. Surge então, a proposta de revitalização da horta comunitária de Parada Angélica com o propósito inicial de incentivar o consumo de hortaliças e de uma alimentação mais saudável.

Na busca pela superação dos limites do ensino disciplinar no qual se dá nossa formação acadêmica, o INSC buscou ampliar os parceiros do projeto de forma que pudessem concretizar a demanda de (re) construção da horta. A busca por novos apoiadores veio através de convites solidários,

¹ Desde o primeiro semestre de 2014 é realizado no território de Parada Angélica o Grupo de Perda de Peso (GPP), inicialmente com parceria da ESF e da Pastoral da Criança. Os encontros eram realizados a cada quinze dias. A partir do primeiro semestre de 2015, os encontros passaram a ser realizados semanalmente e somente com o apoio da Pastoral da Criança.



uma vez que não havia no Projeto recursos para a contratação de um profissional qualificado em técnicas de olericultura. Assim, todos os sujeitos que se somaram nesta iniciativa o fizeram por acreditar na importância do trabalho, por serem seres conscientes, diria Freire (1979).

Uma das assessoras técnicas do Departamento de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (DESANS) é também discente de graduação no curso de agronomia da UFRRJ e foi por meio de um convite dela que o curso se inseriu no projeto, no início de 2015. Assim, as estagiárias de nutrição da UERJ e as discentes voluntárias da agronomia da UFRRJ começaram a trabalhar juntas para a construção da horta comunitária e para a promoção da segurança alimentar e nutricional da comunidade, através de práticas interdisciplinares.

A professora Marilza Suanno, da Universidade Federal de Goiás (UFG), argumenta no prefácio do livro “Ensino disciplinar e transdisciplinar: uma coexistência necessária”, dos organizadores SANTOS & SOMMERMAN (2014), que:

A interdisciplinaridade propõe a interação entre duas ou mais disciplinas na busca pela superação da fragmentação do conhecimento. Tal proposição demanda a integração entre sujeitos e disciplinas em torno de um problema de pesquisa ou tema de estudo, articulando conhecimentos rumo a uma melhor percepção da realidade (SANTOS & SOMMERMAN, 2014, p. 15).

Nesta perspectiva de superar a fragmentação do conhecimento, o presente artigo tem por objetivo relatar os processos pedagógicos de implantação da horta comunitária de Parada Angélica, a partir da integração de diversas técnicas nutricionais e agrônômicas.

3. Descrição da experiência

O presente trabalho teve como campo de estudo a horta comunitária construída na Associação de Moradores Vila Getúlio Cabral da comunidade de Parada Angélica, localizada no terceiro distrito de Duque de Caxias/RJ, próximos aos limites de Magé. Apesar de ser um território urbano densamente povoado, a comunidade apresenta fortes relações com a agricultura. O público alvo deste projeto foi, inicialmente, uma moradora do bairro que apresentava sobrepeso e sua família. A avaliação realizada



pela equipe do INSC/UERJ com profissionais do Programa de Saúde da Família (PSF) revelou consumo familiar elevado de produtos alimentícios ultra processados e, em contrapartida, baixa ingestão de frutas legumes e verduras.

Com a identificação de um possível espaço para a construção da horta, novos atores foram se somando ao processo, incluindo a participação de vizinhos que já tinham experiência com as hortas nos seus quintais, das crianças e de outros moradores que se interessaram pela iniciativa, totalizando a participação efetiva de oito famílias, além da participação esporádica de outras pessoas que contribuíram em momentos específicos, como nos mutirões de limpeza e manutenção da horta, por exemplo.

Para a implantação da horta algumas atividades foram desenvolvidas no período de abril a setembro de 2015: reuniões de planejamento coletivo das ações do projeto; reconhecimento da área; mutirão de limpeza e preparo de compostagem; visita à Fazendinha Agroecológica (Embrapa Agrobiologia, localizada no Km 47 em Seropédica/RJ); trabalhos de operacionalização, colheita e venda e; avaliação das atividades da horta. Além disso, foram realizadas oficinas de conserva, temperos e aromas, rodas de conversa e formação sobre gestão participativa, sobre os problemas causados pelo uso de agrotóxicos e sobre identificação e importância do uso de plantas tradicionais na alimentação humana.

Em todas as etapas de implantação do Projeto, técnicas de observação participante² e grupo focal foram usados como recursos metodológicos para identificar as demandas dos moradores e assim, ajustar os objetivos do projeto à realidade local. A partir destas metodologias, a maioria das famílias revelaram possuir hábitos alimentares pouco saudáveis, algumas chegavam a consumir até três litros de refrigerante por dia. Este consumo encontra relação com um padrão alimentar crescente entre os brasileiros caracterizado pela diminuição do consumo de alimentos in natura e minimamente

² A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 2008, p. 103).



processados, com crescente incorporação de ultra processados³. Privilegiar sistemas alimentares de produção e distribuição socialmente justos e ambientalmente sustentáveis é a alternativa mais adequada para promover a saúde e a SAN (BRASIL, 2014).

Nas reuniões de planejamento coletivo um dos primeiros questionamentos levantados foi sobre o uso de agrotóxico na horta que seria implantada. A roda de conversa sobre este tema expôs os problemas causados à saúde humana e a natureza devido ao uso de adubos químicos na produção agrícola, enfatizando a importância de espaços como aquele para a produção de alimentos saudáveis, segurança alimentar e nutricional. Na oficina de aromas e temperos, as mulheres revelaram um elevado grau de conhecimento sobre a diversidade de temperos naturais utilizados tradicionalmente na culinária brasileira, mas ao mesmo tempo revelaram ser atraídas pelas propagandas, variedades e praticidade dos temperos industrializados. Nesta oficina foram apresentados os problemas que as substâncias químicas destes produtos podem apresentar à saúde, bem como buscou-se valorizar o conhecimento popular acerca das plantas utilizadas como temperos e suas tradições na culinária.

No reconhecimento da área os moradores de Parada Angélica resgataram o histórico de uso da terra da comunidade, mencionando as características que observavam sobre o solo, clima, plantas que já foram cultivadas, etc. Tais informações serviram como base para o planejamento daquilo que gostariam de cultivar na horta e de incorporar na alimentação. Do mesmo modo, a identificação de plantas tradicionais foi realizada no intuito de contribuir com o resgate do conhecimento tradicional, abordando os valores nutricionais importantes com objetivo de estimular a retomada do uso destas plantas na alimentação humana.

4. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

³ Produtos alimentares ultra processados são “formulações industriais” geralmente apresentam uma extensa lista de ingredientes que incluem substâncias extraídas ou derivadas de alimentos (óleos, açúcar, proteínas, gorduras hidrogenadas, amido modificado) ou sintetizadas em laboratório com base em matérias orgânicas como petróleo e carvão (corantes, aromatizantes, realçadores de sabor e aditivos) (BRASIL, 2014).



A implantação da horta comunitária de Parada Angélica, no município de Duque de Caxias/RJ, dialoga com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia uma vez que possibilita a construção de um espaço destinado à atividade coletiva e a interdisciplinaridade de diversas áreas do conhecimento acadêmico, como a nutrição e a agronomia, por exemplo, bem como a valorização do conhecimento popular.

A construção da horta comunitária dialoga com as diretrizes da Educação em Agroecologia também por atingir a dimensão social, que ultrapassam os processos de ensino-aprendizagem formal. Um exemplo dessa dimensão na Horta Comunitária de Parada Angélica foi a rearticulação da Associação de moradores do bairro que estava desmobilizada. As famílias envolvidas no projeto puderam além melhorar a sua alimentação, por meio do acompanhamento da dieta nutricional e do consumo de alimentos saudáveis, voltar a ter um espaço comum de encontro, o qual tornou possível discutir e encaminhar outras questões referentes à organização comunitária.

Dialoga ainda com a Educação Alimentar e Nutricional (EAN), campo de conhecimento e de prática transdisciplinar, intersetorial e multiprofissional. Pautado em metodologias críticas e dialógicas, a EAN orienta-se pelos princípios da SAN visando promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares progressivamente mais saudáveis. Dentre seus princípios destacam-se a diversidade de cenários de práticas, a valorização da cultura alimentar e da culinária, a defesa dos diferentes saberes e a sustentabilidade social, ambiental e econômica (BRASIL, 2012).

Na dimensão política dos princípios agroecológicos, a horta comunitária serviu ainda como um estímulo à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias/RJ para desenvolver outras iniciativas de valorização da agricultura urbana, como é o caso do Projeto de Hortas Escolares que vem sendo implementada nas escolas do município. Além de servir de incentivo para elaboração de políticas públicas relacionadas à Promoção da Alimentação Adequada e Saudável (PAAS). Algumas atividades evidenciam o caráter pedagógico da horta comunitária de Parada Angélica, os quais listamos com mais cuidado abaixo.

4.1. Planejamento da horta



O planejamento é uma importante ferramenta da organização social. Por meio dele é possível um diálogo multipolar permanente entre todos os atores envolvidos na construção do processo. Não se pode perder de vista que o ato de planejar é um ato intencional e faz parte da vida humana. Ou seja, é uma atividade construída no âmbito das relações interpessoais, de intercâmbio de ideias, pois é na relação com o outro que o sujeito irá desenvolver sua autonomia de pensar e agir nas diversas situações do cotidiano. Assim, no nosso caso que se trata de construção coletiva, planejar torna-se ainda mais significativo.

Ao longo do período de desenvolvimento do Projeto, ocorreram vários momentos de planejamento, que se vinculavam as atividades a serem desenvolvidas. A primeira atividade de planejamento da horta foi desenvolvida em maio de 2015 na Associação de Moradores Vila Getúlio Cabral e teve por objetivo ouvir os moradores da comunidade sobre suas expectativas em relação à horta, o que gostariam de ver plantado naquela área e como seria feita as divisões de tarefas. Foi um encontro de aproximação e integração entre os diferentes atores envolvidos – moradores da comunidade, a equipe do INSC/UERJ, discentes de agronomia da UFRRJ, Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e outros voluntários (figura 1).

Deste planejamento saiu um importante encaminhamento: a horta comunitária de Parada Angélica teria manejo orgânico e agroecológico, uma decisão que marca o compromisso da comunidade com a manutenção da biodiversidade e com a produção de alimentos livres de agrotóxicos. Outro encaminhamento deste planejamento, foi convocar a comunidade para um mutirão de limpeza da área, e foi a partir desta empreitada coletiva de limpeza e construção que a horta comunitária de Parada Angélica foi criando forma.

A necessidade de aproveitar as águas do fim do verão para fazer o plantio das hortaliças, fez o processo formativo do coletivo se perder e com isso alguns voluntários começaram a desistir de ajudar na horta. Para resolver esta intempérie, um planejamento de avaliação e redistribuição das tarefas aconteceu no mês de agosto de 2015. Neste novo planejamento os moradores levantaram a necessidade de terem mais formação sobre o cultivo e o manejo de hortaliças, abordaram a importância do



compromisso com a horta e pensaram na logística de distribuição e comercialização das hortaliças que já estavam no ponto de colheita.

4.2. Mutirões comunitários

A horta de Parada Angélica é considerada comunitária por ser planejada e mantida pelo conjunto da comunidade. A horta não tem fins lucrativos e não há remuneração pelas tarefas realizadas. Ainda que se estejam começando a planejar uma forma de comercialização, os poucos valores arrecadados são usados em investimentos para a manutenção da própria horta, como a compra de insumos e materiais.

Uma das ferramentas mais fundamentais deste processo de construção coletiva, foi a realização dos mutirões comunitários de implantação, limpeza e manutenção da área. Nestas atividades, todos os atores envolvidos com a horta – moradores, as internas e professoras do INSC/UERJ, discentes da UFRRJ e o DESANS – se reuniam, dividiam tarefas e trabalhavam em conjunto durante todo um dia para garantir os cuidados necessários que uma horta exige (figura 2).

Nos mutirões da horta toda a comunidade contribuía de alguma forma, ainda que algumas vezes não soubessem o quanto estavam ajudando e também sendo parte desta construção. As tarefas iam desde capina, plantio, transplante e outras técnicas necessárias para a horticultura (figura 3), até o preparo do almoço para todos que estivessem doando um pouco do seu tempo e anotações de tudo que estava sendo feito no dia, para fins de registro e controle. Alguns vizinhos, por diversos motivos, não se animavam ou não podiam ir até a horta ajudar, mas contribuía com um sorriso e/ou um aceno de mão desde o seu portão. Os mutirões movimentavam a comunidade.

Tão importante quanto as tarefas da horta propriamente ditas, eram as tarefas que davam condições para o trabalho da horta estar sendo realizado. Dentre estas, destaca-se nos mutirões os almoços coletivos preparados para que toda a comunidade envolvida no trabalho pudesse participar deste momento de conversa em volta da mesa e de reflexão sobre alimentação saudável. Este espaço de construção coletiva, de participação e envolvimento da comunidade servia, muitas vezes, como espaço



para os moradores discutirem sobre outras questões da comunidade que exigissem o desprendimento de todos.

Todas as atividades realizadas no Projeto, foram fruto de planejamento e mutirões comunitários, daí a caracterização de comunitária para a horta de Parada Angélica, característica que faz a horta ser antes de tudo, um espaço pedagógico.

5. Resultados: uma horta comunitária, não é só uma horta

De maneira geral, obtivemos como resultado deste Projeto a implementação da horta comunitária de Parada Angélica, com produção de diversas hortaliças que serviram de complemento para a alimentação das famílias. Entretanto, diferente de uma empresa ou instituição, que ao final das atividades se tem uma remuneração pelos serviços prestados ou de um laboratório de pesquisa, onde se obtém a quantificação de um experimento, em uma atividade coletiva, de participação comunitária, o que se tem como resultado das atividades desenvolvidas é o retorno de seu próprio trabalho.

Para cada decisão e encaminhamentos tomados na implementação da horta, reuniões foram feitas, pessoas foram apresentadas, grupos foram organizados e uma série propostas foram consideradas, o que acarretou na mobilização e fortalecimento da Associação de Moradores Vila Getúlio Cabral que estava desativada (figura 4). Além disso, a horta comunitária serviu como um espaço de articulação entre os vizinhos, que começaram a pensar de maneira coletiva sobre outras benfeitorias que queriam para a comunidade, como, por exemplo, a coleta de lixo.

Dentre as principais contribuições da horta comunitária de Parada Angélica, podemos destacar três eixos fundamentais: saúde, meio ambiente e organização comunitária. A saúde, por meio das discussões sobre segurança alimentar e nutricional, pelo acompanhamento nutricional as famílias e pelo consumo de alimentos livres de agrotóxicos, produzidos pelos próprios moradores. Em relação ao meio ambiente, destacam-se a conservação dos recursos naturais e a amenização do impacto ambiental



decorrente da ocupação humana, buscando a sustentabilidade. O incremento da reutilização e reciclagem de resíduos é também de grande importância.

Em relação à organização comunitária, ressaltam-se a integração entre os vizinhos, a ativação da Associação de Moradores, o incentivo à participação das crianças e dos jovens e o trabalho voluntário. Além disso, destaca-se neste processo as parcerias estabelecidas entre os moradores de Parada Angélica, a UERJ, a UFRRJ e a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, por meio do DESANS.

A horta propicia o desenvolvimento sustentável, a partir do qual se vivencia processos de produção de alimentos, segurança alimentar, práticas de cultivos relacionados à biodiversidade local e de combate ao desperdício, à degradação e ao consumismo, além de se configurar como um espaço de organização comunitária. Assim, conclui-se que a horta comunitária de Parada Angélica é um projeto que, com todas as limitações, tem dado certo, e com tudo visto neste artigo, o maior resultado deixado pela sua implementação foi compreender que uma horta comunitária, não é só uma horta. Uma horta comunitária é vida, é movimento.

Agradecimentos

A todos os moradores da comunidade de Parada Angélica (Caxias/RJ) que sempre abriram a porta da sua casa e do seu coração para a gente. A todos aqueles que desde o seu quintal estão trabalhando para a promoção da segurança alimentar e nutricional e para a construção de uma sociedade mais justa. E, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro pelos importantes projetos que desenvolve, pelo compromisso com desenvolvimento da sociedade e por, apesar de todas as dificuldades, insistir em existir. UERJ resiste!

Referências

BRASIL. *Lei nº 7.794, de 20 de agosto de 2012*. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Diário de Oficial da União, agosto de 2012. Disponível em:



http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7794.htm. Acesso em 10 de outubro de 2015.

BRASIL. *Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006*. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Diário de Oficial da União, setembro de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111346.htm. Acesso em 10 de outubro de 2015.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas*. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/marco_EAN.pdf Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição. *Guia alimentar para a população brasileira*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Ed. Paz e terra, 26ª edição. Campinas/SP, 1979.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

SANTOS, A. e SOMMERMAN, A. *Ensino disciplinar e transdisciplinar: uma coexistência necessária*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

ANEXOS



Figura 1. Primeira reunião de planejamento para implantação da horta comunitária.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2015).



Figura 2. Divisão de tarefas para o mutirão.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2015).



Figura 3. Trabalho coletivo na horta comunitária.
Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2015).



Figura 4. Articulação para a implantação da horta comunitária.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2015).